



Ecologia na Imprensa: história ambiental da revista *Globo Rural*

Denis Henrique Fiuza ¹
(PPGH-LHAG-UNICENTRO)²

Resumo: Nesta comunicação apresento dados iniciais de uma pesquisa de história ambiental cultural, em nível de mestrado, que analisa como a ecologia e conceitos a ela relacionados têm sido apropriados pela revista *Globo Rural* em narrativas que propagam a ideia de “nova ruralidade brasileira” e “nova valorização do ambiente rural”. Busca-se discutir as ideias como agentes ecológicos, entendendo esse tipo de produção midiática como portadora de desejos, definidora de perfis e construtora de agendas públicas ligadas ao mundo rural contemporâneo. Os dados que tenho até o momento possibilitam vislumbrar um terreno amplo de possibilidades para a história ambiental cultural ligada às perspectivas e às narrativas sobre o mundo rural brasileiro entre as décadas de 1980 e 2000, especialmente no que diz respeito à incorporação de um discurso ecológico calcado numa ideia de ruralidade que subordinaria o campo à cidade.

Palavras-chave: Globo Rural; ruralidade; ecologia; história ambiental;

Abstract: In this paper i present the initial data of a cultural environmental history research at master's degree which analyzes how the ecology and related concepts have been appropriated by *Globo Rural* magazine in narratives that propagate the idea of "new Brazilian rurality" and "new appreciation of the rural environment". It seeks to discuss ideas such as ecological agents, understanding this type of media production as a wish-holder, profile-defining and constructor of public agendas linked to the contemporary rural world. The data I have until now make it possible to envisage a broad field of possibilities for cultural environmental history linked to perspectives and narratives about the Brazilian rural world between the 1980s and 2000s, especially as regard to the incorporation of an ecological discourse based on an idea of rurality which would subordinate the countryside to the city.

Keywords: Globo Rural; rurality; ecology; environmental history;

¹ Mestrando - Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) - Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná/UNICENTRO. Guarapuava, PR – Brasil. Email: denis-fiuza@hotmail.com

² Esta pesquisa está sendo orientada pelo Prof. Dr. Jo Klanovicz (Programa de Pós-Graduação em História/Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário – Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, Paraná), no âmbito do Laboratório de História Ambiental e Gênero (LHAG – <http://www.unicentro.br/lhag>). Esta pesquisa conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob a forma de bolsa de estudos de mestrado.



Introdução

O objetivo desta comunicação é apresentar dados iniciais de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná, no Laboratório de História Ambiental e Gênero. Busca-se analisar, do ponto de vista de uma história ambiental cultural (McNeill, Roe, 2014), como a ecologia e os conceitos a ela correlatos têm sido apropriados pela revista *Globo Rural*. Em outras palavras, realiza-se uma análise do ydiscurso ecológico da revista, refletindo sobre que tipo de preservação do meio ambiente ela propõe e defende.

Busca-se, nesse sentido, perceber como a revista trabalha o que pode-se denominar de “nova valorização do ambiente rural” identificada em várias edições de *Globo Rural* a partir de meados dos anos 2000. José Eli da Veiga (2002) identificou o surgimento de uma “outra ruralidade” nos países desenvolvidos no século XX, e a revista *Globo Rural* apontava desde 2000 algumas características que denominou de “novas” para o ambiente rural brasileiro, características que iniciaram um processo de propaganda desse ambiente, com o objetivo de atrair novos sujeitos para esses locais.

Assim, pretende-se percorrer a trajetória da revista para compreender a tomada de posição da mesma quanto às perspectivas de preservação do meio ambiente. Além disso, discute-se o processo de incorporação da “preocupação” com a preservação ambiental e com a ecologia a partir da perspectiva da história ambiental.

A principal premissa desta comunicação é enfrentar o desafio de examinar as ideias como agentes ecológicos, parafraseando o historiador ambiental Donald Worster (1991, p.211). De acordo com Worster (1991, p. 202), existem níveis em que a história ambiental funciona. O primeiro deles “trata do entendimento da natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado; O segundo nível da história ambiental introduz o domínio sócio-econômico na medida em que este interage com o ambiente”.

O terceiro nível de análise seria “aquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um



indivíduo ou de um grupo com a natureza”. Essa análise se localiza nesse terceiro nível, refletindo sobre as ideias e percepções sobre a natureza e o ambiente presentes em *Globo Rural* (WORSTER, 1991, p. 202).

O Rural na história da imprensa

Ao longo do período moderno e, com mais ênfase, desde o século XX, a imprensa tornou-se uma arena de debate que veio a participar como catalisadora de conflitos de opinião na esfera pública (HABERMAS, 1984). Nesse sentido, de mera transmissora de informações, ela passou a definir perfis, construir agendas públicas. O trato da imprensa na pesquisa histórica leva em consideração esse aspecto, acrescentando-se a leitura sobre as intencionalidades contidas no jornalismo profissional e especializado.

A imprensa especializada foi abarcando praticamente a totalidade dos setores sociais, desde o mundo urbano ao mundo rural, e, nesse sentido, veio a ser vetora de ideias, fomentadora de resistências, marcadora de tendências nas mais variadas esferas.

A revista *Globo Rural*, nesse sentido, demarca um território de intensas transformações e de tradicional peso na economia brasileira, que é o mundo rural em todas as suas especificidades. Ela é uma publicação da Editora Globo que começou a circular em 1985 e passou por inúmeras transformações desde a primeira edição. Na atualidade, a revista contém entre 150 e 200 páginas, e com uma tiragem impressa que orbita a casa dos 100 mil exemplares, com poucas oscilações na história de mais de 360 edições.

Globo Rural atravessou o período da redemocratização nacional e da Constituinte, época em que mudanças políticas e sociais foram instauradas, tendo a imprensa como elemento fundamental de exposição de questões nacionais, mas também de elaboração de pautas que interessavam a grupos específicos (KLANOVICZ, 2008). Considerando o percurso de deslocamento da imprensa escrita para a imprensa digital, é importante pensar que a revista continua uma publicação periódica impressa e com comercialização no Brasil e em Portugal. A revista *Globo Rural* como um objeto para a análise histórica pode ser vista a partir de diversos ângulos, como o da história ambiental, onde o historiador ao fazer uso de pressupostos metodológicos compreende inúmeros aspectos desse período em a mesma esteve circulação.



Além disso, Ana Luiza Cerbino (2005) afirma que as revistas se constituem como um lugar de memória e expressam traços e características de uma época e do grupo social que nele interagia, inclusive através de sua constituição física e das marcas nela impressas.

Nesse sentido, tanto as reportagens quanto as notícias veiculadas pela revista estão interligadas a um processo histórico amplo. Como afirmam Ana L. Martins e Tania R. De Lucca (2008, p.08) “[...] a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel”. Os impressos que circularam no Brasil nos últimos 200 anos testemunham e veiculam nossa história e a construção do Brasil.

As revistas são atravessadas por diversos interesses e valores de um determinado tempo, e historiograficamente deve-se seguir algumas regras específicas sobre análise de periódicos/revistas. Além de observar algumas características comuns a esse tipo de documento, por exemplo, “a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores, a aparência física (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ausência de ilustrações) devemos observar a estruturação e divisão dos conteúdos” (De Lucca, p. 139, 2005). Outro aspecto relevante na revista *Globo Rural* é perceber as relações que a revista manteve e mantém com o mercado, com o público a que visava atingir, e os objetivos propostos.

Em relação à materialidade da *Globo Rural*, nota-se que suas capas chamam a atenção dos leitores para a reportagem especial, através do uso da fotografia. Desde a primeira edição, percebe-se o destaque dado às imagens e as cores. Na maioria de suas capas *Globo Rural* exibia o “homem do campo” como forma de dar visibilidade e para idealizar a imagem desse homem, para que o mesmo se identificasse com a publicação.

Como exemplo a primeira edição trazia a imagem do peão Davi, com isso, a revista retratou esses produtores rurais, historicamente marginalizados no espaço público nas primeiras décadas do século XX. De acordo com o historiador ambiental Jó Klanovicz (2007, p. 45) o Brasil republicano buscou transformar a condição agrária, que era entendida pelas elites como retrógrada e subalterna no contexto da Segunda Revolução Industrial e Tecnológica.

Segundo Jó Klanovicz (2007, p. 46) “a auto-representação das elites surgiu no confronto com a imagem do outro, ou seja, em oposição ao brasileiro pobre e rural



muitas vezes mestiço”. A figura do indivíduo das áreas rurais, tal como era concebida na primeira metade do século XX, atrapalhava a construção da nacionalidade brasileira pautada na industrialização e urbanização. Mas a transformação desse contexto a partir da segunda metade do século XX foi expressa por *Globo Rural*, que passa a relacionar o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento da agricultura.

Foi então que a figura do “caipira” e do “Jéca”, foram transformadas na imagem do “homem-do campo”, exibida e exaltada pela revista. É importante lembrar que a imagem do homem do campo tal qual foi divulgada foi construída dentro de um processo histórico. Ele começou a ser visto não mais como aquele indivíduo doente, sem educação e desprovido de cultura, mas como sábio, simples e trabalhador, um exemplo a ser seguido. Lembro ainda que esse “homem do campo”, construído no período da ditadura militar é colocado sob a tutela do agrônomo.

Globo Rural para os que amam a natureza

A carta de João Damasceno Lopez, da cidade de Belém, estado do Pará, publicada na primeira edição da Revista *Globo Rural* é peculiar: “A ideia não poderia ser mais genial. Congratulo-me com todos os que, iluminados, inspiraram-se e contribuíram para beneficiar um número ilimitado de pessoas que amam a natureza”, Essa carta foi escolhida dentre várias correspondências enviadas à produção da revista, ela representa o interesse, tanto dos leitores, quanto dos editores desse meio impresso, pela “natureza”. Aqui a natureza é vista de forma diversificada, vai além do significado de “mundo natural” ou “ambiente físico” e se torna um sentimento, uma percepção cultural, ou mesmo, uma maneira de se relacionar com o ambiente e de empregar significados a este.

Sem se fixar nos elogios feitos pelo leitor, percebe-se que a revista surge com o *status* de defensora do meio-ambiente e como propagadora desse sentimento de amor a natureza. É comum ler, tanto dos leitores que enviam suas cartas, quanto de jornalistas e editores da revista, que *Globo Rural* é um instrumento de comunicação para os que amam a natureza.

Ao analisar a revista percebe-se um debate sobre ecologia que envolve os leitores pertencentes a diversos locais do país, com formação e atuação diversa, e a equipe



editorial da revista. Nesse debate localiza-se a utilização frequente de conceitos ligados a ecologia e relacionados à história ambiental. Percebe-se também, que esse debate não é novo, pois, os movimentos ambientalistas brasileiros em consonância com os mundiais já o teriam iniciado anteriormente, é antes um reflexo social gerado pela incidência das pautas desses movimentos e das diversas conferências realizadas na segunda metade do século XX, em especial as conferências da Organização das Nações Unidas (ONU), além disso, Worster (2005) atenta para a chamada “paixão moderna pela natureza”.

A Revista *Globo Rural* sempre chamou a atenção para temas ligados à preservação ambiental e ecologia e buscou aliá-los a “salva-guarda” dessa natureza a que tanto prezam, leitores e produtores do impresso. Entretanto, a tese que defende-se nesse trabalho, é de que o fenômeno do nascimento de uma outra ruralidade, defendido por José Eli da Veiga, é expresso em *Globo Rural* não só na propaganda das tradições e costumes rurais, mas na concepção de natureza e de preservação ambiental expressa em suas páginas.

De acordo com Veiga (2005, p. 334) “nunca houve sociedades tão opulentas quanto as que hoje estão valorizando sua relação com a natureza”, nesse movimento a natureza ou mesmo a “dimensão ambiental” estaria condicionada a ação do processo de Globalização sob as áreas rurais. Assim, essa dimensão ambiental da globalização age para tornar as áreas rurais cada vez mais valiosas à qualidade de vida ou ao bem-estar, impulsionando o avanço desta “outra ruralidade” que nasce.

Nesse sentido, a abordagem de temas ligados a ecologia pela *Globo Rural*, dentro do contexto de Globalização da ruralização, pensa essa temática em vista de atrair pessoas e mantê-las no ambiente rural. Além disso, como aponta Worster (2005, p. 85) “temos de admitir que a natureza em si e as paixões humanas são deslocadas e condicionadas por forças da cultura, da aprendizagem e da história”. Assim, defende-se a hipótese de que a natureza impressa nas páginas dessa revista encontra sentido no processo de nascimento de outra ruralidade propelida pela Globalização.

Nessa perspectiva, realiza-se a análise dessa visão ambiental impressa em *Globo Rural* pela história ambiental e na ecocrítica. A ecocrítica se desenvolveu como um campo de análise científico-literária a partir da década de 1990, com a fundação da Associação para o Estudo da Literatura e do Meio Ambiente em 1992, que segundo o



ecocrítico britânico Greg Garrard (2007, p. 360) “foi formada a partir do estudo da literatura ocidental americana, realizando conferências bienais que cresceram rapidamente em escala no restante da década”. É um movimento que se debruça sobre a análise da constituição dos discursos e das ideias que surgiram como reação da sociedade à crise ambiental.

Nesse contexto, ao longo dos séculos XIX e XX intensificaram-se os debates e as produções literárias e científicas relacionadas à crise ambiental, identificada com o avanço da ciência ecológica. Articularam-se ideias que levaram à fundação de movimentos, a publicação de livros e à constituição de campanhas de proteção à natureza. Garrard (2006, p. 13) ao analisar o livro de Rachel Carson *Primavera Silenciosa* (1962), considerado o início do ambientalismo moderno, aponta que: “[...] as estratégias retóricas, o uso da pastoral e de imagens apocalípticas e as alusões literárias com que Carson molda seu material científico são passíveis de uma análise mais ‘literária’ ou ‘cultural’”, a análise a que se refere o autor é a própria ecocrítica.

É relevante frisar que a ecocrítica, segundo Garrard (2006 p. 14), “é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico” e se detém na análise das representações da natureza e do ambiente construídas ao longo da história. Glotfelt (1996 *apud*, Garrard, 2006, p 14) apresenta algumas questões enfrentadas pela ecocrítica, como por exemplo, “como é representada a natureza nesse soneto?” e “como se modificou o conceito de mundo natural ao longo do tempo?”. Além disso, a ecocrítica se debruça sobre o ambientalismo e as principais questões apresentadas são: “qual é a fecundação cruzada possível entre os estudos literários e o discurso ambientalista?” e “como o ambientalismo construiu seu discurso ecológico?”.

A ecocrítica é também um movimento político e filosófico, Garrard (2006, p. 14) afirma que é “uma modalidade de análise confessadamente política”, e que os ecocríticos “costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político ‘verde’”, se aproximando assim da orientação dos movimentos ambientalista e ecologista.

Sendo assim, a ecocrítica contribui para uma análise detalhada do ambientalismo e da relação seres humanos e natureza, ao invés daquela superficial que se tornou comum em quase todas as esferas da sociedade. Não se trata simplesmente de uma análise literal e fundamentalista desses processos, impressos em fontes históricas, mas



na sua ligação com o contexto em que estão inseridos e na sua relação com a cultura, com as ideias e as representações.

Nessa perspectiva, Richard Kerridge (1998, *apud* Garrard, 2006, p. 15) descreve que “o ecocrítico almeja rastrear as ideias e as representações ambientalistas onde quer que elas apareçam, enxergar com mais clareza um debate que parece vir ocorrendo, amiúde parcialmente encoberto, em inúmeros espaços culturais”. Nas palavras desse autor, percebemos a ênfase da ecocrítica na análise “dos textos e das ideias” e de sua coerência e utilidade em relação à crise ambiental.

Nesse sentido, a história ambiental também contribui, pois, como destaca Worster (1991, p. 211) “o historiador ambiental tem que enfrentar o formidável desafio de examinar as ideias como agentes ecológicos”. As ideias e os discursos são socialmente construídos e elaborados, e são geralmente expressões da relação cultural entre homens e mulheres com a natureza. Ambas essas ciências (ecocrítica e história ambiental) contribuem para analisar esse contexto.

O pesquisador Worster (1991, p. 210) também afirma que:

Os humanos são animais que carregam ideias, assim como ferramentas, e uma das mais abrangentes e mais consequentes delas tem o nome de “natureza”. Mais precisamente, a “natureza” não é uma ideia, mas muitas ideias, significados, pensamentos, sentimentos, empilhados uns sobre os outros frequentemente da forma menos sistemática possível.

Ao longo dos anos, os seres humanos além de modificar o ambiente em que viviam, criaram inúmeras representações e significados para esse espaço, as ideias sobre a natureza se multiplicaram e adquiriram aspectos diversificados conforme o contexto em que foram construídas. Vive-se uma expansão dos temas ligados à preservação do meio ambiente e à ecologia, em que essas ideias são diversas e complexas.

A história ambiental contribui com “o estudo de aspectos de estética e ética, mito e folclore, literatura e paisagismo, ciência e religião – deve ir a toda parte onde a mente humana esteve às voltas com o significado da natureza” (WORSTER, 1991, 210).

A partir da segunda metade do século XX tornou-se impossível não relacionar a sociedade humana ao mundo natural, porém, observa-se que há entre os historiadores resistência na sua utilização, devido ao fato de durante muito tempo a história ter



tomado por relevantes apenas os documentos escritos e oficiais, que tratavam dos grandes acontecimentos e dos feitos de personalidades importantes.

Nesse contexto, surge na década de 1970 a história ambiental, em meio às transformações que se davam na relação homem *versus* natureza e à intensificação das discussões a respeito da consciência ambiental e da necessidade de preservação do meio ambiente. Segundo Worster (1991), é um esforço revisionista com o objetivo de fazer a disciplina de história mais inclusiva. Portanto, a história ambiental, possui uma abordagem focada no entendimento de que o homem produz a história no tempo e no espaço, por isso, é necessário, segundo Drummond (1991, p. 4) “colocar o homem na natureza”.

Um dos principais desafios da história ambiental no século XXI é aprofundar suas pesquisas e sua maneira de compreender historicamente o mundo. Dentre suas particularidades, destaca-se a facilidade em atuar de forma interdisciplinar. Além disso, a história ambiental contribui para a difusão do debate sobre ecologia e meio ambiente, ultrapassando a esfera intelectual e adentrando a esfera pública.

Assim, a história ambiental se torna fundamental para compreender a revista *Globo Rural*, em especial sua concepção de ecologia, utilizada na propaganda da agricultura e do meio ambiente rural. Com isso, a partir dos anos 2000, a revista passa a defender que a modernização da agricultura estaria ligada a um ambiente rural sustentável. Além disso, esse ambiente estaria respondendo a modernidade criando novas formas de desenvolvimento econômico. Em 2005 a revista cria “Vida na Fazenda”, uma seção que dedica um espaço especial para abordar temas referentes ao cotidiano das fazendas, especialmente trazendo o “turismo rural” e o “turismo verde”. Além da recriação da antiga seção de receitas culinárias e manifestações culturais e tradicionais, como festas típicas e de santos padroeiros.

Na maioria dos estados brasileiros, existem áreas rurais que não foram incorporadas ao ambiente urbano ou industrial. Nesses ambientes predominam a agricultura e a pecuária, entretanto, outras atividades se desenvolveram nesses espaços a partir da segunda metade do século XX, principalmente no ramo turístico com os hotéis-fazenda e os *spas*, mas, outras atividades se destacaram como a construção de clínicas de recuperação, as rotas de comércio, as festas e rodeios. Nesse sentido, *Globo Rural* passou a enfatizar que a modernização da agricultura e o desenvolvimento



econômico estariam ligados também a valorização da “vida na fazenda”, onde o rural, o seu cotidiano, seus costumes e tradições e seu “amor pela natureza” deveriam ser enaltecidos.

Nesse sentido, José Eli da Veiga (2006) identificou um “fenômeno novo” que pouco tem a ver com as relações que as sociedades europeias do século XX mantiveram no passado com os territórios urbanos e rurais. Era, pois, um crescente aumento de deslocamentos para ambientes rurais onde os indivíduos estavam sendo atraídos por diversas atividades e pelo próprio ambiente. Nas suas palavras “a cidade e o campo se casaram, e enquanto ela cuida de lazer e trabalho, ele oferece liberdade e beleza” (Veiga, 2006, p. 334).

Entretanto, para o autor, a ruralização dos países centrais não desapareceu, mesmo com o acelerado processo de industrialização e globalização:

[...] mesmo que não tenham plena consciência, todos os que pesquisam sobre a ruralidade estão sob a influência de uma das duas hipóteses extremas sobre seu destino: a de completa urbanização ou a de um renascimento rural. Ninguém formulou a primeira de modo mais adequado do que o filósofo e sociólogo Henri Lefebvre, em 1970. E ninguém foi tão oportuno em contrariá-la quanto o geógrafo e sociólogo Bernard Kayser, desde 1972. Todavia, passados mais de trinta anos, a ruralidade dos países centrais não desapareceu, nem renasceu, o que legitima a opção por uma terceira hipótese que as supere (VEIGA, 2006, p. 333).

O autor não se contentou com as hipóteses de que aconteceria uma completa urbanização ou que haveria um renascimento rural. Foi então que José Eli da Veiga (2016, p. 334) denominou esse processo como o “nascimento de uma nova ruralidade”, na qual “o mais completo triunfo da urbanidade engendra a valorização de uma ruralidade que não está renascendo e sim nascendo”. Torna-se cada vez mais forte a atração pelos espaços rurais em todas as sociedades.

Essa atração está acontecendo no Brasil de forma complexa e diversificada. Através das páginas de *Globo Rural* identificam-se diferentes aspectos desse processo. Dentre eles, visualiza-se a ênfase na importância do aproveitamento econômico das amenidades naturais, principalmente o através do turismo rural. Além disso, *Globo Rural* destaca a importância da conservação da biodiversidade, como na edição 16 onde dedicou mais de trinta páginas abordando os ataques à fauna e a flora do Pantanal.



Considerações preliminares

Num período de expansão das mídias digitais e num contexto onde as revistas impressas de conteúdo agrícola não permaneciam por muito tempo no mercado, em sua maioria nem chegavam à popularização nacional, a revista *Globo Rural* pode ser considerada uma exceção. Em 2016 ela completou trinta anos de circulação, sem interrupções, possuindo também uma versão digital.

A relação entre a vida no campo e a natureza foram as duas leituras mais difundidas pela revista até o início dos anos 2000. Fato que levou a participação da mesma no debate sobre ecologia realizado pelo Congresso Nacional para a elaboração de um capítulo sobre esse tema dentro da Constituição de 1988. Além disso, a revista e o programa de televisão *Globo Rural* receberam um reconhecimento imediato do público, dividido em “homens do campo” e leitores da cidade.

Para o homem do campo, a revista era uma ferramenta que visava transformá-lo no agricultor moderno, trazendo a palavra do agrônomo e dos institutos agrícolas para “integrá-lo” no processo de modernização da agricultura. Em relação aos leitores da cidade, a *Globo Rural* procurou despertar o sentimento de recordação de suas raízes rurais, tendo consciência de que a presença dessas pessoas nas cidades era consequência do êxodo rural, ainda em processo.

Para atingir a ambos os públicos, a revista utilizou de uma linguagem simples, palavras e expressões do cotidiano do campo, e principalmente, usou da imagem como ferramenta principal. A publicação de fotografias, em sua maioria, tiradas durante as reportagens, inseriu esses indivíduos dentro da revista. As capas eram ilustradas com o homem do campo nas fazendas, nas florestas, nos tratores e plantações.

A análise sistemática realizada até o momento evidenciou a complexidade desse periódico e suas constantes alterações de rumo, o que impede desde já a atribuição de um perfil único a *Globo Rural*. Pelo contrário, seus objetivos e ideais se entrelaçam aos interesses pessoais de seus editores e do grupo empresarial a que são filiados, assim como representam o período histórico de sua circulação.

A revista *Globo Rural* possibilitou identificar algumas características que contribuem para historicizar o processo de construção de uma nova ideia de ruralidade no Brasil nas últimas décadas do século XX. A ordem do dia para o homem do campo



nesse período era a modernização de si próprio, dos meios de produção e da vida no campo, embora a Globo Rural demonstrasse também que alguns traços insistiam em permanecer em contraste ao avanço da modernidade.

Referências

CERBINO, Ana L. Tempos de elegância: memória e história nas páginas da revista Rio. *Revista Brasileira de História da Mídia*. Guarapuava, v.4, n.1, p.51-60, jan. - jun./2015.

DE LUCA, Tania R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

_____; MARTINS, Ana L (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora da UnB, 2006.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

KLANOVICZ, Jó. O Brasil no mundo rural doente: a construção do agricultor na literatura em dois momentos da história brasileira (1914 e 1970). *Luso-Brazilian Review*. Wisconsin, v.44, n.1, p.X-XX, 2007.

MCNEILL, John R.; ROE, Alan. *Global Environmental History: an introductory reader*. New York: Routledge, 2014.

SILVA, Gislene. *O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos*. Florianópolis: Insular, 2009.

VEIGA, José E. da. Nascimento de outra ruralidade. *Estudos avançados*. São Paulo, v.20, n.57, p.XX-XX, 2006.

WORSTER, Donald. John Muir e a paixão moderna pela natureza. *Environmental History Review*, volume 10, n.1, jan. 2005.. Disponível em: https://www.academia.edu/230991/John_Muir_e_a_paix%C3%A3o_moderna_pela_natureza. Acesso em 21 jul. 2017.

_____. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.4. n.8, p.198-215, 1991.